

Angola e Metrópole, Banco de Portugal & Ultramarino

Os Catões da rua Formosa pedem leis anormais para condenar os homens que eles acusam de estar envolvidos na burla das notas de 500 escudos—mas só para os que eles acusam. Para os Inocências da sua afeição querem decerto elogios no "Diário do Governo", o hábito de Cristo e a benção papal.

Os do Angola e Metrópole passaram notas falsas e estão na cadeia. Os do Banco de Portugal e do Banco Ultramarino fazem e passam notas falsas e gosam de boa fama

Se perguntarem à primeira pessoa que se lhes depare no caminho qual é o jornal mais desacreditado do país, a resposta será rápida e concisa:

—E' O Século!

Se se perguntasse ainda a essa pessoa qual é a gazeta portuguesa que defende, público e raso, os negócios mais escandalosos, as ideias mais torpes, os princípios mais abjectos, ela responderia com segurança inflexível:

—E' O Século!

Se se perguntar depois quem mais descaradamente defende os interesses inconscientes do Banco Ultramarino e do António Maria da Silva, do Banco de Portugal e do Inocência Camacho, de Alfredo da Silva e de toda a canalha insaciável que vem sugando as energias do povo, a resposta será invariavelmente a mesma:

—E' O Século!

Pois este Século ignobil, maitre-chanteur incorrigível que abre as suas colunas para um inquerito parcial defender a pena de morte, que protege as negociações das colónias em que o Pereira da Rosa e o Amzalak andam envolvidos, que defende os negócios do Alfredo da Silva e elogia os moedeiros falsos do Banco Ultramarino e do Banco de Portugal, teve ontem o impudor—o Catão de opereta—de pedir leis de excepção para julgar e condenar as mais pezzadas penas as criaturas que ele acusa—só as que ele acusa—de estarem envolvidas no caso do Angola e Metrópole.

Chega a ser ridículo este impudor do Século!

Que espécie de leis anormais pretende O Século sejam aplicadas aos homens do Angola e Metrópole?

A pena de morte?

E o Inocência Camacho e o Mota Gomes que enterraram as mãos até aos cotovelos nos montões de notas falsas também vão à degola?

Fargantes, aqueles tipos do Século!

Querem leis anormais para aplicar aos rivais dos seus negócios! E para eles? A glória? Os elogios no Diário do Governo? As condecorações? O hábito de Cristo?

E o Pereira da Rosa a negociar as colónias com os italianos? E o escriba Adelino Mendes a fazer a campanha da pilhagem e do assalto à bolsa do povo? E o Amzalak que queria aniquilar-se no Banco de Portugal para dominar no país, em nome dos interesses judaicos em Angola? Que pedem para eles? A benção papal?

Uma polícia que reclama tanga e argola no nariz!

A polícia—no seu já famoso Boletim que é um atentado contra a disciplina, visto infringir várias e importantes disposições legais e constitucionais que ela tem o dever de fazer respeitar... nos outros—pretendem justificar as deportações com o cadastro das pessoas que, sem julgamento prévio, foram mandadas barra fora, às ordens dum energúmeno que é também um político desonesto, companheiro e amigo dum escroc que deiraudou, roubando, o Estado na bonita soma de 240.000 francos. E emprega tal fervor em justificar as deportações que parece querer dar a impressão de que quem as ordenou foi ela e não a personalidade imoral e sinistra desse homem de mãos sujas Vitorino Godinho—nessa altura ministro do Interior.

A polícia sabe prender, sabe perseguir, sabe espancar, sabe assassinar—mas não sabe discutir, visto que isso não é, nunca foi nem pode ser um atributo da irracionalidade. Ninguém ignora que a animalidade é a antítese da intelectualidade e é tão estranho ver um polícia discutir como acreditar que um camelo possa, como a andorinha, a faculdade de voar.

Na publicação dos cadastros, feita no Boletim, para justificar as deportações, a polícia confunde estupidamente, isto é, policialmente, a arbitrariedade com a legalidade, quando o mais leigo sabe que o que é arbitrário não é legal e vice-versa. Mas não vale discutir com a polícia que equivaleria a argumentar contra infusórios ou contra muralhas de pedra.

Vamos aos cadastros. A gente sabe como eles se fabricam nas alfurjas do governo civil: um homem é preso por capricho policial. Toda a boa vontade dos janízaros, incluindo o seu encarniçamento em abarrotar de inocentes os calabouços, as esquadrões e os fortes, não consegue etiquetar sua prisão, com qualquer delicto mesmo imaginário. Alega então que a sua vítima foi presa "por suspeita". Feita a primeira prisão ela nunca mais gosará duma liberdade que não seja provisória, que não seja refinada por detenções sucessivas. A vítima passa a andar num corripio da oficina para os calabouços e dos calabouços para a oficina. Continua a ser preso pela mesma ausência de delicto, continua a ser detido como da primeira vez "por suspeita". Ao fim duma dezena de prisões sobe de categoria: passa a ser "agitador perigoso", designação cheia de ressonância, que pode fazer desmaiar damas hiper-histéricas mas bastante vaga em relação ao Código Penal. E aqui tem como se faz um cadastro e como o crime praticado pela polícia incide sobre a vítima, transformando-a em delinquente—com sucessivas reincidências. Chega ao poder

um ministro que parece ter sofrido a influência moral duma Penitenciária e ordena arbitrárias deportações. A polícia vai buscar a sua vítima, berra que ela tem 20 prisões e só com esse fundamento cobre-a de ignomínia e atira-a para a costa de África, para as febres, para as misérias, para a morte.

Escolhemos ao acaso no Boletim o cadastro de Daniel Severino e vemos que ele se iniciou com uma prisão "por ordem superior". Quatro meses depois volta a ser preso "por fazer propaganda sindicalista". O grande e horrível delicto: "fazer propaganda sindicalista" que é uma propaganda consentida pela lei e assegurada pela própria constituição da república que proclama a liberdade de pensamento. Sucede ainda que Daniel Severino não falava em reuniões nem escrevia em jornais e, portanto, a sua propaganda só podia ter sido feita cavaqueando com companheiros de trabalho. Resumindo: preso por estar a conversar! Será conversar—um delicto? Um ano depois metem-no novamente nos calabouços do governo civil. Esta sua terceira prisão foi motivada "por suspeita", tornando-se assim um delicto o facto dum homem não merecer a confiança dum qualquer 17 da 4.ª—o que sendo um motivo de honra, não pode ser nunca um motivo de prisão.

Outro cadastro: o de Rodolfo Marques da Costa. Sua primeira prisão: "por ter sido expulso do Brasil como indesejável". Em que artigo o Código Penal considera a expulsão dum país como um delicto? A sua segunda prisão foi motivada por ter sido considerado pela polícia como autor do lançamento dum petardo no Hotel Francfort, dando-se até a circunstância dalguns jornais conservadores terem proclamado a sua inocência. A polícia sabendo que ele viria a ser absolvido no tribunal deportou-o. E aqui tem um cadastro—em branco.

Acrescentou a polícia ao cadastro um delicto formidável: "E' um elemento perigoso pela sua cultura e ilustração". Com que então, a polícia considera a cultura um perigo e a ilustração outro perigo? Quando muito devia considerá-las um vexame à sua incultura e ao seu analfabetismo e à sua ignorância pavorosa.

Que critério estupendo este que transforma em perigoso, em criminoso um homem só porque ele, em vez de ser ignorante e estúpido como um polícia, é um ser racional, cerebralmente bem dotado e desenvolvido!

Como isto é ofensivo da dignidade humana e atentatório do espírito de civilização! Polícia que assim se exprime não devia ter um Boletim, mas uma tanga e uma argola no nariz.

As leis de excepção só se aplicam aos pobres diabos

Nós sabemos que as leis de excepção são aplicadas quasi sempre aos pequenos, aos humildes, aos que não usam luvas nem possuem rendosos lugares à mesa do orçamento. Não nos aterroriza, portanto, o pedido do Século no que respeita à aplicação de anormais condições às criaturas envolvidas na falsificação das notas de quinhentos escudos.

O que é preciso é defender os humildes, os pequenos, os explorados, os que sofrem sempre os horrores da lei. E' por isso que nos indignamos perante o arrojo dos desmoralizados Catões do Século. E' o seu cinismo que nos revolta.

Se querem ser tão moralizadores porque não pedem que se levante a incomunicabilidade dos presos? Porque conservam Alves Reis fechado à chave sem falar, sem se fazer ouvir?

Cousas interessantes terá decerto esse homem a dizer, porque de contrário não o teriam incomunicado tanto tempo. Antes de pedir castigos deveria O Século esforçar-se pelo esclarecimento de toda a verdade. Mas a verdade não lhe convém, a verdade é o descrédito do Inocência, do Mota Gomes, do Alfredo da Silva, do Pereira da Rosa, do António Maria da Silva, do câmbio político-financeiro! A verdade é dura, inflexível e não transige com as conveniências inconvenientes dos saltadores!

E os falsários do Banco de Portugal?

Não sabem os do Século em que camisa de onze varas se metem quando pedem todo o rigor das leis para os culpados do fabrico de notas falsas. Foi decerto num instante de desvario que o Adelino Mendes fez aquela bota das leis anormais. Devido à influência esclarecedora de A Batalha também alguns amigos do órgão das forças vivas não se encontram em bons lençóis. Alves Ferreira já não tem outro remédio neste momento senão aceitar a culpabilidade do Inocência Camacho, que tem sido interrogado várias vezes. Diz-se até que as provas da sua culpabilidade são tão grandes que certo juiz investigador que vinha auxiliando Alves Ferreira se demitiu indignado por não ter metido na cadeia o governador do Banco de Portugal.

E até mesmo dentro de O Século as divergências vão sendo cada vez mais profundas entre os cabecilhas da campanha.

O que viu um redactor de "A Batalha" que conseguiu entrar nos dois colégios da Congregação de Nossa Senhora do Rosário de Fátima

(Do nosso enviado especial).

Santarém, 15, (atrassado)—Leonor Maria Ribeiro Guimarães, uma das vítimas da Congregação de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, pode considerar-se salva. Salvou-a do sepulcro definitivo dum convento das Carmelitas de Espanha, seu cunhado, o nosso camarada Manuel Martins da Costa.

Em sua casa Leonor Maria Ribeiro Guimarães vive ainda na obscuração do misticismo religioso, seu espírito continua envenenando-se em leituras de santas anormais e de freiras alucinadas. Inteligentemente, seu cunhado soube compreender que Leonor Guimarães não podia transpor dum salto toda a grande distância que vai da influência do fanatismo católico que lhe obscureceu a razão até ao conhecimento e à compreensão da vida normal, equilibrada e sadia.

Leonor é extremamente sensível: os cuidados do seu cunhado, o amor de sua irmã, a infância garrula de seus sobrininhos comoveram-na — e o milagre da sua salvação, a ressurreição do seu espírito e mesmo do seu sexo, ainda que lentamente, há de operar-se.

Foi com emoção que transpuzemos a porta de Manuel da Costa, nosso velho amigo, convencendo-nos entre os dois que o nosso primeiro nome seria trocado, a nossa qualidade de jornalista dissimulada a fim de evitar um natural constrangimento e até uma possível hostilidade. Além disso estávamos fortemente interessados em penetrar na Creche e no Pensionato de Nossa Senhora dos Inocentes — os dois colégios pertencentes à Congregação de Nossa Senhora do Rosário de Fátima. Nossos olhos iam constatar, iam ver, as pessoas e as coisas de que nos temos ocupado, com raiva incontinente e impotente dos exercitos reaccionários e do órgão oficial as Novidades.

A viscondessa de Andaluz entende que o sacrifício é bom para os outros

Findo o almoço, duas horas da tarde, improvisou-se um passeio de automóvel a Almeirim. O passeio era um pretexto para irmos aos dois colégios da Congregação. De facto, no regresso Manuel da Costa pediu a sua cunhada Leonor Guimarães e a uma outra rapariga que esteve muito tempo na Creche para visitarmos os colégios. Tinha um certo empenho nisso, principalmente para satisfazer o pedido do seu amigo de Lisboa...

As raparigas apearam-se e foram pedir a "madrinha"—a viscondessa de Andaluz, superiora da Congregação de Nossa Senhora do Rosário de Fátima,—autorização para a visita. Ao fim de cinco minutos que foram para nós de ansiosa expectativa, as raparigas voltaram dizendo que a sr.ª viscondessa consentia a visita. Se soubessem que eramos redactor de A Batalha...

Não o souberam, mas a viscondessa de Andaluz, subitamente desconfiada, apareceu com seu profissional sorriso de bondade e mirou-nos, com disfarce, atentamente. Seus olhos, mau grado sua simulação, reflectiam a desconfiança. Encarámos-la com firmeza: é uma senhora alta, elegante, revelando no seu rosto um cuidado excessivo com a sua saúde física e na sua indumentária, hábitos aristocráticos. Uma outra figura surge: D. Maria José, envergando o hábito negro da Congregação. E' uma criatura gorda, flácida, revelando um grande cansaço físico. D. Maria José é um instrumento docil da Congregação, como a viscondessa o é do arcebispo de Evora, seu amo e senhor. Mas a viscondessa defende-se admiravelmente da velhice que existe mais na certidão de idade do que nela, poupando-se à custa do sangue e da vida das suas vítimas, condenadas, sem nenhuma especie de compensação a verdadeiros trabalhos forçados. Outras criaturas aparecem, todas envergando hábitos negros, todas reflectindo uma tuberculose latente, através da lividez confrangedora dos seus rostos, do brilho febril dos olhos e da excessiva magreza de seus corpos decadentes. São as vítimas da viscondessa, essa criatura de atraente aparência, com seus ares de estatua humana da Bondade, que se poupa a si própria, mas vampiriza as outras, entendendo que elas é que têm o dever de se sacrificar, de morrerem prematuramente, tornando-se puras como "almas" a fim de subirem ao céu e immaculadas ascenderem a Deus!

Tudo em nome do mártir do Golgota

Diante daquelas vítimas um assomo de revolta quasi nos aconselha a gritar que elevemos ali mesmo, naquele feio claustro do convento arruinado, o nosso protesto contra uma obra que abre sepulturas nos cemitérios. Serenamos, pensando na inutilidade do protesto, convencidos de que as próprias vítimas seriam as primeiras a indignarem-se. E suportando os olhares da viscondessa que procuram com insistência em nós uma atitude que lhe quebre ou confirme a inquietação que dela se aposou, vamos percorrendo as horribes—o adjectivo é sóbrio—dependências da Creche. A luz entra na escola, coada através dos grades de ferro do velho convento—do convento que continua sendo. Tudo aquilo é triste—duma tristeza confrangedora: as aulas não têm material pedagógico decente e nalgumas o pavimento é desagradavelmente atijolado e frio. Por todos os lados—imagens de santos e uma abundância excessiva de crucifixos. Não há aula, onde não nos surja o Cristo espetado numa cruz metálica. Nos dormitórios, mais crucifixos, mais Cristos, um em cada cama—em cada miserável cama. E a única coisa que abunda: o Cristo anda em todos aqueles lábios de fanáticos e é em nome dele

Veja O Século em que bico sem saída se mete...

Depois, se condenarem a penas anormais o Alves Reis e o Bandeira, que penas se devem aplicar, por idéntico crime, aos dirigentes do Banco de Portugal, que tantas notas falsas fizeram, e ao António Maria que tantas emissões secretas ordenou?

E os falsários do Banco Ultramarino?

O Banco Ultramarino inundou as colónias de notas estampadas e falsas que não valem um pataco. Essas notas são uma armadilha ignobil na qual os colonos são obrigados a cair, quer queiram, quer não. Esse moedeiro falso, que é o Ultramarino, goza de uma impunidade perfeita. Notas mais falsas do que as dele—só existem as officinas do conselheiro Alves Ferreira, Por culpa daquele estabelecimento de crédito encontrado quasi paralisado todo o movimento económico e financeiro da África portuguesa. As indústrias morrem por falta de dinheiro, transacções deixam de fazer-se por falta do elemento de troca que ainda é a moeda nesta sociedade ignobil. As famílias dos colonos que aguardam o auxilio dos colonos que em África trabalham para ganhar essas falsas notas que o Banco Ultramarino estampa, vivem na miséria. Depois de impingilas, o moedeiro falsário não as troca e se as troca é por favor com depreciações que vão até 75 e 90 por cento.

Parece-nos impossível que os Catões da rua Formosa que, de viseira carregada, pedem leis anormalíssimas para os culpados da emissão secreta das notas de quinhentos escudos, mantenham perante a ruína e o roubo que o Banco Ultramarino vem praticando há anos um silêncio cúmplice, revoltante, criminoso.

Tem causado mais abalos à economia do país a acção perniciosa do Banco Ultramarino do que a burla do Angola e Metrópole. Os homens do Angola e Metrópole puderam em circulação notas ilegais, mas financiaram empresas agrícolas e industriais; foram perdulários, mas prestaram serviços. O Banco Ultramarino, tão respeitável, tão venerável no seu estado de falência, tão cheio de honorabilidade na passagem das suas notas falsas, tem sido um cancro insaciável que corrompendo os políticos, os governos e a imprensa, vem minando a velha carcassa do país e reduzindo a fome um povo que poderia viver com mais desatôgo.

Contra o fascismo

O professor Emílio Costa fala hoje, no Sindicato Metalúrgico, contra o fascismo

Promovida, como as três anteriores, pela Comissão Central de propaganda anti-fascista, constituída por elementos de várias correntes sociais e políticas empenhados em evitar que em Portugal triunfe o odioso sistema fascista, realiza-se hoje, pelas 21,30 horas, no Sindicato Unico Metalúrgico, rua da Esperança, 122, 2.º mais uma conferência pública.

E' conferente o professor Emílio Costa, que subordina a sua dissertação ao tema: "Como triunfam as ditaduras". A entrada é franca.

A semana anti-fascista está decorrendo com vibração e entusiasmo

Uma notável conferência do dr. Jaime Cortezão no Salão da Construção Civil

No Salão da Construção Civil, realizou

ontem, o sr. dr. Jaime Cortezão, a sua anunciada conferência da série que a grande comissão anti-fascista promove esta semana. O illustre orador, que escolheu para a sua notável conferência o tema "Liberdade e Trabalho", prendeu a atenção da numerosa assistência durante o espaço de uma hora.

Depois de Artur Aleixo de Oliveira, da Câmara Sindical do Trabalho ter feito a apresentação do conferente, o dr. Jaime Cortezão exemplificou que a Liberdade só se consegue por uma intensa luta dos povos. Já assim foi nos remotos tempos. Quanto maior for o regime de liberdade dum povo maior é também a sua consciência colectiva.

Em reforço desta asserção o conferente cita alguns factos históricos que precederam a revolução de 1383, cujo único objectivo foi afastar o jugo de Castela que nos proscruvia toda a autonomia política.

Com o triunfo dessa revolução, isto é, com a ascensão ao trono do mestre de Aviz, Portugal reivindicou a sua autonomia política a qual permitiu os feitos heróicos dos portugueses que estão assinalados na história.

Pelo estudo da história, prossegue o orador, verifica-se que o triunfo da revolução de 1383 se deve ao povo e ao povo se deve a intensa luta pela independência da sua personalidade colectiva.

Passando em revista os factos dessa época, o dr. Jaime Cortezão esclarece:

A política do mestre de Aviz cabe parte do triunfo da revolução de 1383. A ele se deve a criação da Casa dos 24, espécie de Confederação do Trabalho. Esta instituição participou ostensivamente no advento da autonomia de Portugal.

que se realiza cotidianamente um atentado contra a vida—um crime contra a existência de todos os que caíam nas garras da Congregação de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

Amanhã prosseguiremos narrando o que vimos, com o necessário disfarce duma individualidade de empréstimo

Depois o conferente falou largamente do esforço humano despendido por todas as civilizações para conseguirem as liberdades que caracterizam a independência dos povos, citando como exemplo a civilização helénica cuja magnificência atesta duma maneira incontestável que os povos quando livres elevam as suas virtudes criadoras ao máximo.

O orador ocupa-se ainda da criação do Direito e das instituições municipais pelo povo romano, mais tarde dominado pelo poder dos césares, demonstrando com este exemplo que enquanto o povo romano não viveu sob o domínio dos césares viveu em constante progresso.

Referindo-se também à revolução francesa, o dr. Jaime Cortezão assevera que este importante acontecimento veio abrir uma nova clareira de liberdade na vida dos povos e veio dar à civilização uma nova modalidade.

Entrando propriamente no combate ao sistema fascista o distinto orador faz a crítica do fascismo com grande veemência. Algumas frases:

—O fascismo é nem mais nem menos do que o fruto da guerra. Consideramo-lo como uma doença passageira, porque não creio que estejamos em vespas de qualquer regime fascista.

Depois com grande calor: —O fascismo que se intitula um regime de ordem, é nos países onde vigora um regime de processos imorais, um regime afrontoso para a dignidade humana. Apoiados vibrantes.

Para exemplificar: —Na Itália foram todas as liberdades cerceadas: não há o direito de associação, nem o direito de existência. Mateotti foi assassinado por usando dum direito de criticar o fascismo. Pois como muito bem assevera o jornal Le Quotidien esse assassínio, que vai ser agora julgado no tribunal que está reunido na pequena vila Chieti, foi sugerido por Mussolini e a sua camarilha.

"Quando um regime arvora o assassinio em arma ofensiva todas as consciências livres o devem combater, todos os caracteres impolutos devem erguer o seu brado de indignação. Apoiados."

Procurando demonstrar que o sistema

PST!

Se quiser passar
uma noite agradável
vá hoje ver
o interessante

Pão de Ló

ao
AVENIDA

fascista, a pesar de todas as suas inconveniências, quer ainda triunfar, o dr. Cortezão diz.

Em alguns países o fascismo pretende impor-se, como regime na Hungria, falsificando dinheiro dos outros países, na Bulgária, matando e trucidando.

Nos países de tradições liberais, como a Inglaterra e a França, não creio que o fascismo triunfará porque neste momento está já em trânsito um grande movimento, o qual não consentirá o advento desse regime de morte. Apoiados.

Proseguindo.

Haverá também em Portugal ameaças de fascismo? Parece que sim. Mas não há que temer. Os propulsores desse regime são criaturas que farão, são criaturas que deram já provas práticas da sua incompetência e da sua venalidade.

«Ló é no que concerne aos fascistas, já, porém, do outro lado um homem com pretensões a ditador dos portugueses, homem que só tem grandeza na corrupção (aplausos vibrantes), homem que é uma verdadeira figura de arlequim. Apoiados.

«A esses palhaços, a todos esses tiranos devemos provar-lhes que não consentiremos o seu triunfo, que não admitiremos o triunfo do seu execranda regime político.

«A pretensão do doido perigoso que é Mussolini de distender a toda a Europa esse regime insignificante que se denomina fascismo não há de vingar porque estão nisso empenhados todos os liberais da Europa.

A concluir:

«Não só não vingará como até deve desaparecer de Itália. Em favor dos pobres italianos escravizados devemos todos pejar salvando-os das garras aduncas dessa fera humana, isto em nome da liberdade que é a criadora das mais belas manifestações da civilização humana.

Uma quente salva de palmas estrugiu no vasto Salão da Construção Civil. Estava terminada a conferência do dr. Cortezão, por certo uma das mais brilhantes do distinto orador.

A conferência do dr. sr. Câmara Reis

Cerca das 22 horas, no Centro Dr. José Domingues dos Santos, e estando cheia a sala, iniciou a sua exposição o dr. sr. Câmara Reis.

Dando uma definição do fascismo — uma tirania bárbara que invoca o pretexto de se manter a ordem — atribui a sua existência à luta entre os espíritos progressivos e os espíritos retrógrados.

A grande guerra veio acordar na Humanidade os mais fundos instintos de crueldade, cupididade e egoísmo, accentuando-se essa luta entre párias, escravos e dominadores e proprietários. Esta divisão de classes acendeu-se mais ao sentir-se que a grande guerra nada trouxera de novo, de melhor, que satisfizesse os anseios humanos.

Os homens da direita traziam consigo o espírito de conservar indefinidamente a tradição dos costumes, ao passo que as esquerdas exigiam a marcha para as transformações sociais, políticas e económicas.

A par do egoísmo atroz, a grande guerra fez nascer o mais profundo idealismo, um idealismo que se revolta contra todas as violências, ainda mesmo a ditadura estabelecida na Rússia.

O bolchevismo e o fascismo são dois sistemas, aparentemente antagónicos, que procuram impor a realização forçada de ideias que pertencem a uma minoria.

Na Rússia, a violência surgiu da vontade de alguns homens que se dispuseram a lutar contra a indiferença da grande massa. Na Itália foi a revolta dos operários e a cobardia de políticos que fizeram possível o fascismo.

A ditadura fascista procurava violentamente sanear a moral nacional. Mas essa obra afastou-se do interesse da opinião pública, pelo que a pretendida obra há de desmoronar em meio de tragédias.

Refere-se à evolução política para o trabalho em Inglaterra, ao triunfo das esquerdas em França, ao avanço do Socialismo na Alemanha, para demonstrar que na Europa, pelo menos, os homens das direitas vão perdendo, ao passo que triunfam seguramente as ideias das chamadas esquerdas.

Estas ideias veem reivindicar a satisfação de todas as aspirações dos que trabalham, dos que querem ver seus filhos vivendo melhor. E' o aspecto económico o que mais justifica a divisão de direitas e esquerdas. E são as novas ideias de progresso que veem apressar a agonia do mundo velho.

E a agonia do mundo velho pode ter aspectos repugnantes, como esse fascismo, aspiração dos conservadores impotentes de moralizar a sociedade para que não triunfem as novas ideias.

A pretensão nova fórmula social só tem usado de processos primitivos: o óleo de ricino, a flagelação, a perseguição à imprensa.

O fascismo criou uma imprensa sua, para que se alastre a sugestão fascista por outros países, dos quais uns fazem grotescas imitações, outros trágicas experiências.

A propósito, cita o exemplo da Grécia, Bulgária, Espanha, países atraídos que adoptaram acanhadas e brutais fórmulas de fascismo, e a Inglaterra, a Alemanha, a França, países democráticos, que vivamente se opõem a tais fórmulas.

Em Portugal, onde o sentimento de liberdade, até mesmo o seu culto, são profundos na própria multidão, onde existe uma tradição fortemente revolucionária, não há condições de meio que favoreçam o triunfo do fascismo. Várias experiências de ditadura têm tido neste país trágicas conclusões feitas pelo próprio povo.

Onde há tirania, ordem imposta pela força, só pode haver a desordem social, o clamor de liberdade que terá de ser atendido.

Um dos candidatos ao fascismo, Filomeno da Câmara, tem um pé na Rotunda e outro no Calhariz. Outro, Cunha Leal tem um pé nas Avenidas Novas e outro no Ultramarino. Distos resulta um desequilíbrio deveras cómico mas perigoso. Pois o ridículo de que sofrem os nossos aspiran-

tes a ditador tudo procurará impedir; apenas existe o perigo de uma macaqueação de sistema fascista no estrangeiro, visto que em certos países há uma formidável conjura contra a liberdade.

E todos que sintam um amor diverso, mas constante, pela liberdade, devem conjugar as suas forças na batalha a dar ao perigo que se desenha. E façamo-lo sem misturar as nossas convicções nem delas abdicar. A reacção contra o brutal despotismo já começou, até na própria sede da Sociedade das Nações. E' necessário continuar a luta, mesmo por sobre as fronteiras!

O orador foi calorosamente aplaudido no final da sua interessante exposição.

As sessões de amanhã

Na Universidade Livre

Amanhã, pelas 21 horas, realiza-se na Universidade Livre, Largo de Camões, 46, 2.ª, promovida pela Comissão central, uma sessão pública de propaganda anti-fascista. São oradores — os srs. dr. João Camoesas, António Peixe e Mário Domingues.

No Grémio Escolar Republicano de Alcântara

A mesma hora, e promovida por aquela comissão, efectua-se no Grémio Escolar Republicano de Alcântara uma segunda sessão pública com o mesmo carácter.

Usarão da palavra David Ferreira, José Tavares dos Santos, dr. Rodrigues Miguéis e Manuel da Silva Campos.

Alguns dos oradores da semana anti-fascista

Além de outros, registam-se os nomes das seguintes pessoas que usaram da palavra nas conferências e sessões públicas de propaganda anti-fascista, a realizar na decorrente semana:

Dr. Ramada Curto, dr. Rodrigues Miguéis, Manuel Joaquim de Sousa, David Ferreira, Ladislau Batalha, Manuel da Silva Campos, António Peixe, José Tavares dos Santos, Emílio Costa, dr. Pestana Júnior, dr. Lopes de Oliveira, dr. João Camoesas, dr. Carlos Olavo, aviador sr. major Sarmento de Beires e Mário Domingues.

Já fizeram conferências na presente semana de agitação anti-fascista os srs. capitão Pina de Moraes, dr. Jaime Cortezão e dr. Câmara Reis.

QUE HÁ?

Pela primeira vez o conselheiro Alves Ferreira visitou ontem o quartel de Campolide onde se encontram presos os indivíduos acusados de terem participado no caso Angola e Metrópole. A acompanhado de dois juizes auxiliares e do advogado José de Arruela. Este último, acompanhado de um militar foi buscar ao preso António Bandeira levando-o para a sala dos oficiais onde houve larga e demorada conferência. Passou-se isto pelas 17 horas.

Notas & Comentários

O «xele xatado»

Incumbido de trazer para Portugal Paulo da Silva, preso no Havre, acusado de pertencimento a «Legião Vermelha», partiu para Paris o xele Xavier. Foi acompanhado de um agente intérprete porque o hábil detetive de linguas estrangeiras sabe apenas dizer gélido, em alemão, money, em inglês, plata, em espanhol e argent, em francês. Chegou ao Havre como quem chega à esquadra dos Terramotos e disse: «Venho buscar esse malandro para envidá-lo para a Guiné». Mas os franceses, a pesar da correcta tradução da lingua, não perceberam aquela linguagem e recomendarão o hábil agente para Portugal com uma mão atrás e outra adiante. E ao que parece, depreendeu o xele, de algumas frases que apanhou no ar, que estivesse com muita sorte em não meter na cadeia, porque já constava por lá que ele tinha cadastro...

Segundo os jornais, o xele ficou muito xatado...

Não é possível!...

Noticiaram os jornais que a polícia fizera duas rusgas na serra de Monsanto: uma de dia, outra de noite. Percorrera as furnas, as caldeiras, as fogueiras e da primeira vez, de noite, não encontrara senão um homem, o Manuel Trapiço, pelo relato do Notícias, é um verdadeiro filósofo. A segunda rusga foi feita no dia imediato, à luz clara do sol e foram logo encontrados com nove bombas mal escondidas que pareciam mesmo aguardar a visita policial. Ora, deste achado há quem desconfie muito. Nós, porém, que conhecemos a insensação da polícia, não queremos acreditar no que nos dizem: que a polícia colocara na véspera as bombas que foi buscar no dia seguinte... Seria a primeira vez que tal aconteceria!...

Teatro Maria Vitória
Duas vezes: às 8 e 10 e 12
O "record" dos sucessos
FOOT-BALL
Sucesso estupendo com o «bis» das ROSAS
A Revolução de Cacilhas
e a famosa canção
O Catarina
Estão rigorosamente suspensas as entradas de favor

ACREDITA:
A frequência geral, a fúlbria, a anemia, a excessiva fadiga, o enfraquecimento orgânico só se a um único poderoso
NUCLEO CALCINA
TÓNICO ENERGICO
ESCIÉNTIFICO
Usado pessoalmente pelos nossos primeiros médicos
Superior a todas as misturas nacionais e estrangeiras
LABORATÓRIOS DA FARMACIA NORMOSIMA
Praça dos Restauradores, 18 LISBOA

TEATROS, MÚSICA & CINEMAS

No São Luís

3.ª recita do tenor Trantoul. «Carmen» de Bizet

A «Carmen», essa obra espanhola que um francês escreveu, atingiu um grande brilho com a interpretação rigorosa, cheia de scintilação que lhe deu o tenor Trantoul, conscienciosíssimo artista que o público snóbico alfacinha não compreendeu como era mister.

A sobriedade, a forma honestíssima como Trantoul reproduz as partituras torna-se estranha, quando mormente nos lembramos de que a grande parte dos artistas líricos, e alguns de grande reputação, se aproveitam das partes que executam para fazer o que se chama *florear a voz*.

O D. José da Carmen foi admirável de precisão, de recorte, de expressão de lirismo musical. O trabalho do tenor, que em cada ópera que canta tem uma criação, foi vencido com uma limpidez de processos que não mais o enaltecem se citarmos que ele conjuga a interpretação dramática com a lírica o que lhe acarretou grandes dificuldades, como se deu no 3.º acto, na cena final, em que teve de cantar através duma grande agitação que se traduziu principalmente em situações forçadas, como o de estar constantemente curvado sobre Carmen que, arremessado ao chão, assim se conservou por certo tempo. A pesar de tudo as notas saíram extremamente nítidas sem que o cantor revelasse a menor sombra de cansaço.

A «romanza da flor» no 2.º acto saiu da sua garganta com uma extraordinária facilidade. No último acto a cena intensíssima que precede a morte de Carmen, pormenorizou-a com uma grande arte, valorizando a sua robustíssima voz.

No papel de Carmen, a sr.ª Dalmonte, foi um tanto desigual como cantora. O terceiro acto perdeu de intensidade, sem que ganhasse vocalmente. Dalmonte fez uma Carmen muito a seu modo. O barítono Trento não teve folego para o «Escamille» embora revelasse diligência. Os coros que estiveram hesitantes no 1.º acto, mantiveram os créditos do maestro Clivio, nos outros actos. A estreante Tarentina na «Micaela» apresentou-se como uma artista conscienciosa, tendo cantado com sentimento a ária do 3.º acto.

A regência do maestro Cooper, admirável de concisão e verdade.

No cenário há que fazer dois reparos: o letreiro da praça de Sevilha, muito português, e o fundo de casaria da praça que já apareceu no «Fausto». Ou Leipzig ou Sevilha!

Nogueira de BRITO

Academia de Amadores de Música

A sessão solene de comemoração do 42.º aniversário desta Academia e de homenagem ao seu fundador e presidente perpétuo, o venerando marquês de Borja, que se realiza no dia 18, às 21 horas, assiste o ministro da Instrução.

A sessão seguir-se-á um magnífico concerto, em que será executado pela primeira vez, pelos alunos, o hino da Academia, composição de Tomás de Borja e letra de Cardoso dos Santos, sendo o programa o seguinte:

I—Hino da Academia, Letra de Cardoso dos Santos, Tomás Borja, por alunos de todas as classes.

II—As artes na civilização, conferência pelo sr. dr. Fernandes de Castro.

III—Quarteto n.º 11, José Haydn, alegre, andante, minueto, vivace assai, pelos prof. Ivo da Cunha e Silva, D. Maria da Luz Antunes, J. Fernando Fão e J. H. dos Santos.

IV—Sóror Mariana, Ivo Cruz, Stil Wie Die Nacht, Carl Böhm, Triste sei die Stepp, Gretchaninov, canto pelo sr.ª D. Maria Amelia Cid Pereira Coutinho.

V—Sonata, Boelmann, violoncelo e piano, pelos prof. João Passos e D. Maria Beatriz Soares.

VI—Passacaille, Haendel, Ballade, Pesse, Tabatière à Musique, Liadow, hargra, por madame Lea Bach.

VII—Voici des Roses, Berlioz, Su Questa Tomba Oscura, Beethoven; La mort, Gretchaninov, canto pelo sr. Alberto Guerreiro.

VIII—Sonata, em lá maior, Cesar Frank, violino e piano pelo prof. Flaviano Rodrigues e sr.ª D. Maria Leveque de Castelo Lopes.

Recêlames

O Nacional, o teatro de tão belas e gloriosas tradições, continua triunfando, com a peça «Amor Vence», que sob o ponto de vista literário, quer pela interpretação, que soube valorizar-lhe todas as belezas e a delicadeza e curiosidade das situações.

Tarde de verdadeiro entusiasmo e, também, de enorme concorrência vai ser a de domingo, em que 1.ª e última matiné será

TIVOLI
Tel. 11. 5474
A'S 8 e 3/4
GRIBICHE
Cine-comédia em oito partes extraída da célebre novela de Frederico Boulet com o jovem actor Jean Forest
LOUCURAS DUMA NOITE
Super-produção em oito partes com a grande estrela americana BARBARA LA MARR
Gribiche, magnífica encenação de Jacques Feyder, é um dos filmes mais pitorescos da vida de Paris, reproduzindo a alguns dos seus curiosos aspectos, através duma intriga altamente interessante.
LOUCURAS DUMA NOITE foi uma das últimas produções de Barbara La Marr, morta em plena mocidade de esgotamento nervoso. Após Theda Bara, Pola Negri, Nita Naldi, especialmente Barbara La Marr nos papéis de mulher fatal, Douglas Fairbanks que a descobriu, fez a estreia na milady dos Três Mesquinhos e em breve ela foi célebre em todo o mundo. A morte cortou uma carreira feita de triunfos sucessivos.
UMA PANORAMICA DESENHOS ANIMADOS
Amanhã — «Matinée» às 3 horas

HOJE
Protagonista: **No Teatro do Ginásio**
A representação da comédia em 3 actos e 4 quadros
Palmira Bastos
Banca à glória
Em papeis de destaque: Gil Ferreira e H. Albuquerque
Original de ALFREDO SAVOIR, tradução de JOSÉ SARMENTO
Cenários de Guy e Almeida — «Maquetes» de B. Barros — Montagens de S. D. S.

representada a deliciosa peça. Marcam-se desde já bilhetes, das 12 às 5 da tarde.

—Tem sido um novo motivo de atracção e entusiasmo para os frequentadores do Salão Olimpia, que são todas as pessoas de bom gosto e de elevada cultura artística, o belo «film» «Felicidade através um cristal» que tem sido exibido na «matinée» e «soirée» destes dias.

—No Avenida repete-se hoje a engraçada comédia-farça «O pão de ló», cujo sucesso lhe garante a sua longa permanência no cartaz.

—A empresa Ruas do Apolo, ao iniciar a sua actual exploração, com a companhia Ilda Stichini-Rafael Marques, resolveu realizar os seus espectáculos a preços populares e sempre sem locação, nem mesmo aos domingos. E o público acolheu esta simpática ideia, visto que o Apolo está tendo sucessivas enchentes com «O conde de Monte Cristo», a sensacionalíssima peça, repleta de arrebatações situações, absolutamente imprevisíveis, e na qual o ilustre actor Rafael Marques interpreta, brilhantemente, a parte de protagonista.

—Numerosíssimas famílias da melhor sociedade estiveram ontem, no Ginásio, na recita da moda, que lhe era dedicada. E a concorrência foi tão grande que os bilhetes das algumas categorias não chegaram, de forma que muitas famílias se apressaram em adquirir os para hoje, em que se repete a galante peça «Banca à Glória» em que Palmira Bastos, Gil Ferreira e Henrique de Albuquerque são verdadeiramente admiráveis.

—Sem recar competências, nem concorrências a revista «Foot-Ball», do Maria Vitória, continua na ordem da noite, despertando, sempre, o maior entusiasmo e atraindo enorme concorrência. E' ela a peça que tem mais numerosos repetidos e muitos deles são já do domínio público, como a Canção das Rosas, que é verdadeiramente encantadora. Lina Demol, Hortense Luz, Carlos Leal, Alberto Ghira, Alfredo Ruas e Santos Carvalho, que são os principais intérpretes do «Foot-Ball», acolhem o público, todas as noites, com as maiores manifestações de simpatia e agrado.

O «Foot-Ball» é, na actualidade, a única peça que vai à cena em duas sessões.

No espectáculo de ontem no Coliseu dos Recreios as bússolas que serviram para a assombrosa demonstração da emissão de ondas electro-magnéticas pelo grande faquir Avariador foram verificadas pelo glorioso aviador major Sarmento de Beires, que compulso a seriedade da experiência. O extraordinário faquir continua em pleno sucesso com os seus terríveis e emocionantes trabalhos, completando o programa todas as atracções da Grande Companhia de Circo.

Amanhã há «matinée» elegante com entrada gratuita às crianças até dez anos que vão acompanhadas, estando já hoje à venda os bilhetes.

No próximo sábado realiza-se a festa anual dos engraxados e populares Irmãos Martinettes com um programa excepcional.

Coliseu dos Recreios
HOJE
Incomparável êxito
do misterioso deviche tunisiano
Scarha Bey
Os mais terríveis, mais científicos e mais emocionantes trabalhos de labirinto
A maior maravilha actual
Completem o espectáculo todas as atracções da
Grande Companhia de Circo
Amanhã — Matinée elegante
Bilhetes à venda
Sábado: FESTA ARTISTICA
dos populares faz todos
Irmãos Martinettes

Dois bombeiros mortos num incêndio
PARIS, 16.—Um violento incêndio destruiu um grande armazém de algodão e lã. No ataque ao incêndio morreram dois bombeiros e ficaram 15 feridos, e os prejuízos são avaliados em 250.000 libras.

DENTES ARTIFICIAIS a 25500. Extracções sem dor a 15000. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 20500. Dentaduras, completas sem placa em «cautich». Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO
R. Garrett, 74, 1.ª (Chiado)

HOJE
No
Teatro Nacional
a encantadora peça
Amor vence
Domínio Sorensen. Matinée — Domingo
Pendurica recita da linda comédia
BRILHANTÍSSIMOS SCENARIOS
Desempenho irregular
PROTAGONISTA
Ester Leão

HOJE
Protagonista: **No Teatro do Ginásio**
A representação da comédia em 3 actos e 4 quadros
Palmira Bastos
Banca à glória
Em papeis de destaque: Gil Ferreira e H. Albuquerque
Original de ALFREDO SAVOIR, tradução de JOSÉ SARMENTO
Cenários de Guy e Almeida — «Maquetes» de B. Barros — Montagens de S. D. S.

'A Batalha' na provincia e arredores

Em Beja

O julgamento duma vítima da G. N. R.

BEJA, 15.—Realizou-se o julgamento de um carreiro há tempos agredido por um cabo da G. N. R. e que tomou, em legítima defesa, um desforço justificado. O caso, a que há tempos nos referimos, passou-se de este modo:

O carreiro Laró dirigia-se de Beja para Ferreira do Alentejo guiando um carro com mercadorias.

No trajecto fica Brangel cuja população é amigável ao aludido carreiro. Sucede amadurecida vez ele ali dar descanso ao animal. Numa dessas paragens apeteceu-lhe beber um copo de vinho; e como trazia consigo um filho encarregou-o de velar pelo carro, enquanto ele se demorasse na taberna. Acontece que um indivíduo que já estava na taberna, assomando à porta vira em cima do carro de Laró um molho de foguetes. Voltando para dentro da mesma pediu-lhe que atrasse um, ao que ele acedeu.

Um cabo da G. N. R. que se encontrava próximo, ao ouvir as detonações, dirige-se para o local a fim de averiguar a sua origem. Chegando ao local perguntou quem tinha deitado o «petardo». Os circunstâncias desconhecem tais instrumentos mortíferos responderam que tinha sido um foguete trazido por Laró. O cabo volta-se para o Laró e esbofetou-o desalmadamente. Não satisfeito com essa forma de «manter a ordem» puxa duma pistola e tenta agredir-o.

Então, o agredido tenta defender-se. Mas quando se preparava para tal, cam sobre ele mais algumas praças da *manutenedora* e tão furiosamente o soavam que o deixam prostrado no chão em misero estado. Insaciáveis ainda, conduzem-no ao posto e ali muito naturalmente, satisfazem seus instintos. E no dia seguinte conduzem-no à cadeia de Beja onde permaneceu, afastado do convívio de sua família, alguns meses.

Ontem o tribunal reuniu para deliberar sobre a sorte dum homem que cometera o horrendo crime de se defender dum algoz que a todo o custo pretendia eliminá-lo do número dos vivos. Foi acertada a deliberação do tribunal. Desta vez fez-se justiça. Absolveu-se um homem que outro crime não cometera senão o de defender a sua existência. Toda a gente que assistia à audiência, à excepção de alguns *verdilhões* aguardavam essa justíssima resolução.

Dentro da teia via-se, não sabemos porque razão, o tenente da G. N. R. Palma Antunes, que não lhe agradando, a certa altura, a atitude da defesa, se retirou para as escadas que conduzem ao tribunal, para após o terminus da mesma, retomar o mesmo lugar.

Entre os *briosos* soldados via-se o queixoso que afanosamente olhavam todos os gestos do público. Tanto este como todos os seus colegas, enquanto o júri se recolheu para deliberar sobre os quesitos, mostravam-se radiantes.

Ter-lhes iam segredado que a sua vítima ia sofrer uma privação maior?

Outro conceito não podemos formular visto que ao ser pronunciada a absolvição, todos os guardas se retiraram indignadísimos.

Enquanto os *briosos* se retiravam numa atitude brusca, a população felicitava o absolvido.

Não terminaremos este ligeiro relato sem perguntar ao sr. juiz porque razão se encontrava, ali, tão destacante, o tenente Antunes?

Seria para amedrontar as testemunhas ou para segregar aos jurados que condenassem aquele homem?

Movimento operário

Devido às últimas chuvas caíram algumas paredes da casa dos trabalhadores.

Uma comissão composta pelos camaradas José Guerreiro Cambado, António Monteiro, Manuel do Brito e Manuel Benito abriu uma «quela» para angariar donativos que façam frente à despesa.

A Associação da Construção Civil encontra-se ainda desorganizada. Os operários desta indústria têm atravessado uma insuportável crise de trabalho. Mas ainda não se lembraram de se associarem para em comum exigirem da Câmara Municipal a admissão de alguns dos seus camaradas nos trabalhos da mesma, que não são poucos, e que outros em trabalhos particulares que bem podem ser exigidos à Câmara Municipal.

Mas para que esta exigência se formule, uma coisa é indispensável—associarem-se.

Vendas Novas

A raiva

VENDAS NOVAS, 14.—Apareceu há tempo nas imediações desta vila, um cão atado de raiva, que mordou vários animais da mesma espécie. A maioria desses animais não foram abatidos e agora ataca-dos pelo mesmo mal têm mordido várias pessoas que nestes últimos dias têm seguido para Lisboa a fim de receberem tratamento. Nesta terra abunda a miséria, mas a pesar-disso quasi toda a gente tem um ou dois *tóxis*.

Horário de Trabalho

Não nos consta que tenham sido revogados o decreto 5616 de 7 de Maio de 1919, nem o regulamento de 21 de Maio de 1925, respeitantes ao Horário de Trabalho, todavia observamos que em Vendas Novas, tanto no comércio como na indústria, em muito poucos estabelecimentos se cumprem as disposições desses diplomas.

O decreto e o regulamento são bem expressos, e as autoridades competes fiscalizam e fazem-lhes cumprir, d'ão a quem doer. Mas se os operários estiverem à espera de que a autoridade venha defender os seus interesses estão servidos. Porque não tomam eles a atitude de defesa da sua maior regalia? Foram eles quem a conquistou. São eles quem tem de velar a sua conservação, para que ela se não perca.—C.

240 pessoas mortas num desastre ferroviários

NEW-YORK, 16.—Segundo as últimas notícias recebidas de São José da Costa Rica, o número de mortos no descarrilamento do comboio excursionista, do qual três caruagens se precipitaram num rio, duma altura de 15 metros, eleva-se a 240 e o de feridos a 75.

O TRANSPORTE EM AUTOMOVEL TORNA-SE COMUM

Em todas as grandes cidades se procura facilitar os meios de transporte rápido. A vida febril que nelas se faz obriga um elevadíssimo número de pessoas a calcularem todos os minutos, a fim de que as suas necessidades possam ser satisfeitas sem a menor amargura.

Lisboa desenvolve-se todos os dias, estando a assumir os interessantes aspectos das grandes capitais.

A Cooperativa Lisbonense dos Chauffeurs constituiu-se sob a melhor e a mais propícia oportunidade, fazendo baratear logo os meios de transporte-automovel, de forma tal que os tornou acessíveis como nas grandes capitais. Lutando contra a rotina do próprio meio lisboeta, organizou um serviço de «taxis» de palhinha amarela, de todos os mais populares. Para retribuir a gentileza acolhedora do público, a Cooperativa Lisbonense dos Chauffeurs decidiu baratear o transporte, fazendo passar todos os preços da corrida para a tarifa n.º 1, actualmente única tarifa, o que equivale a terem descido a metade os preços da tabela dos serviços.

O público tem sabido corresponder à utilíssima iniciativa de um grupo de «chauffeurs» tomando de preferência os «taxis» de palhinha amarela, de todos os mais populares. Para retribuir a gentileza acolhedora do público, a Cooperativa Lisbonense dos Chauffeurs decidiu baratear o transporte, fazendo passar todos os preços da corrida para a tarifa n.º 1, actualmente única tarifa, o que equivale a terem descido a metade os preços da tabela dos serviços.

Desta forma vem a Cooperativa dos Chauffeurs barateando o transporte em automovel em benefício do público, cuja preferência ela quer continuar merecendo. A sede da Cooperativa é na rua Almirante Barroso, 21, e os números dos seus telefones: Norte, 5521 e 5528.

Ocorrências diversas

No pontão da Cova da Piedade, próximo de Almada, vários descarregadores procediam, ontem à tarde, à descarga de carvão dumas fragatas ali atracadas e que se destinava às várias fábricas que ali existem, quando uma roldana, das que servem para elevar as sacas, se desprende do respectivo suporte, vindo colhar o descarregador Manuel António, de 45 anos, natural de Goês e residente na rua Guilherme Braga, 26, loja, o qual, sendo atingido na cabeça ficou com o crânio fracturado. Transportado imediatamente para Lisboa, foi conduzido nos braços dos companheiros ao posto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço, onde lhe foram prestados os primeiros socorros, seguindo depois para o hospital de São José, em cujo banco foi operado pelos drs. Amândio Pinto e Fernando de Lacerda, recolhendo depois à sala de observações.

No lugar de Morcilal, próximo de Colares, quando o trabalhador Joaquim Patrio, de 29 anos, ali residente e natural de Mafra, carregava uma carroça com erva, caiu do veículo, fracturando a coluna vertebral. Depois de receber os primeiros socorros no

Na Penitenciária de Lisboa existe o regime de servidão

A ofensiva patronal contra os salários parece ter-se desenhado com fúria na Penitenciária de Lisboa. No dia 26 de Fevereiro último, foi afixada uma ordem do dr. Pires de Carvalho, director daquela Bastilha, reduzindo de 20 por cento aos que auferiam mais de dois e meio escudos e aos que trabalhavam de empreitada, por conta do Estado. Recusa-se justamente que reclusos que trabalham por conta de arrematantes que assambram quasi toda a produção das oficinas.

O industrial José Rodrigues Pinheiro, dono das oficinas metalúrgicas, já pretende que o seu pessoal trabalhe apenas três dias por semana, fazendo o resto das gratificações. Sabendo-se que os arrematantes choram hipercritas dificuldades, não é difícil concluir-se o que todos eles premeditam.

Não se justifica a baixa, porque os géneros vendidos na cantina não baixam de preço, sendo até mais caros que fora da cadeia. A direcção também fornece roupas e calçado por mais elevado preço que em qualquer estabelecimento particular.

É certo que a ordem se refere aos salários superiores a dois e meio escudos, mas a maior parte dos reclusos apenas ganham 1950! Nenhum recluso pode negar-se ao trabalho, sob pena de encarceramento numa cela de castigo até que modifique a sua atitude.

Os reclusos, porém, não recebem o parco salário, que é entregue a direcção, que fornece uma intragável alimentação e envia quando lhe parece umas folhas de contas correntes.

Enquanto isto se faz aos reclusos, os arrematantes gozam de privilégios no fornecimento de energia eléctrica e outros artigos, e os guardas locupletam-se com os géneros alimentícios destinados aos presos.

Associação dos Socorros Mútuos
A PENSAÇÃO DOS INABILITADOS DO TRABALHO

Sede — Rua Garcia da Horta, 33, 1.^o
AVISO
Convoco a assembleia geral a reunir na sede no dia 19 do corrente, às 20 horas e meia, para leitura, discussão e votação do relatório e contas da gerência de 1925 e do parecer do conselho fiscal e eleição dos cargos vagos. Não reatando por falta de número, fica transferida para o dia 30 do corrente, à hora e local indicados. Os livros e documentos, acham-se patentes na sede das 18 às 20 horas, por espaço de 15 dias a contar de hoje.

Lisboa, 15 de Março de 1926.
O presidente da Mesa
(a) António dos Santos

Excursão de estudo de 300 crianças
Uma nova excursão de estudo ao Jardim Zoológico, deve realizar-se amanhã, tomando nela parte 300 crianças das escolas primárias subsidiadas pela Câmara. Como nas excursões anteriores os professores acompanharam as crianças ministrando-lhes conhecimentos sobre a fauna e a flora do jardim.

A partida das crianças será do Rossio ao meio dia e de Alcantara às onze e meia horas, para o que nestes lugares estarão carros eléctricos.

Das 14,30 horas para as 15 será servida uma merenda às crianças, as quais regressarão também em carros eléctricos, às 16 horas.

São, pois, 1.300 as crianças que já estão, devido à iniciativa do vereador sr. Alexandre Ferreira visitam o Jardim Zoológico.

Na excursão seguinte deverão também tomar parte as crianças das escolas oficiais. A comissão eleita pelos professores de educação física, já apresentaram o seu relatório sobre a forma de ministrar a ginástica às crianças, documento que vai ser distribuído pelos professores que ofereceram os seus préstimos.

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fugoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 1\$00.

Pedidos à administração de A Batalha.
A revolução Social e o Sindicalismo
Por Arkiof. Preço 1\$50.

MARCO POSTAL

Vila Franca de Xira. — F. D. — Custou 3940 por causa da despesa com a cobrança, que é por conta de quem faz a encomenda.
Pôrto. — A Comuna. — Não temos ainda o que pedem. Recebemos folhetos.

AGENDA

CALENDARIO DE MARÇO						
Q.	4	11	18	25	HOJE O SOL	
S.	5	12	19	26	Aparece às 6,46	
S.	6	13	20	27	Desaparece às 18,45	
D.	7	14	21	28	FAZESDA LUZ	
S.	1	8	15	22	L. C. dia 29 às 10,00	
T.	2	9	16	23	O. M. dia 7 às 11,50	
Q.	3	10	17	24	O. M. dia 14 às 11,50	
					O. C. dia 21 às 11,12	

MARES DE HOJE
Praiamar às 5,10 e às 5,29
Baixamar às 10,10 e às 10,59

CAMBIO

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	94\$75	94\$75
Madrid cheque	2\$76	
Paris, cheque	\$71	
Sulça, cheque	\$70,5	
Bruxelas cheque	19\$55	
New-York, cheque	7\$84	
Amsterdã, cheque	\$78,2	
Ilália, cheque	2\$90	
Brasil, cheque	\$58,5	
Praga, cheque	\$52,5	
Suécia, cheque	2\$76	
Áustria, cheque	4\$67	
Berlim, cheque		

ESPECTACULOS

TEATROS
São Luis. — A's 21. — Tosca.
Reclama. — A's 21,15. — O Amor vence.
Ginástico. — A's 21,30. — Banca a glória.
Politeama. — A's 21,30. — O segredo do Polichinelo.
Bipolo. — A's 21,30. — O Conde de Monte Cristo.
Trindade. — A's 21,30. — Bailados russos.
Reneição. — A's 21,30. — O Pão de Ló.
Mierla Vitória. — A's 20,30 e 21,30. — Foot-Ball.
Século 20. — A's 9,15. — Variedades.
Coliseu. — A's 21. — Grande companhia de circo.
Joquim de Almeida. — Animação.
Cinema El Vicente (à Graça). — Espectáculos às 3.
Sábados e domingos com ematées.
Frente Parque. — Todas as noites. Concertos e diversões.

CINEMAS
Tivoli — Olympia — Central — Condes — Chado Terrace — Ideal — Arco Bandeira — Promotora — Esperança — Tortoise — Cine Paris.

LIMAS NACIONAIS

Só a grande falta de propaganda tem feito lugar a que ainda hoje se consumam em Portugal limas estrangeiras, visto que as limas nacionais são de primeira qualidade e as melhores do mundo. Experimentem pois, as vossas limas e encontrareis a venda em todos os pontos estabelecimentos de ferragens e pais.

Terra Livre

Uma camarada dedicada acaba de nos oferecer uma coleção do semanário anarquista "Terra Livre" para ser vendida em favor de A Batalha. Aquele camarada ficou o preço de 1\$500.

Alguém camarada que deseje adquirir este interessante semanário pode dirigir-se a nossa administração.

Edições de "A Sementeira"

Práticas neo-maltusianas..... \$50
O sentido em que somos anarquistas \$30
A peste religiosa..... \$40
A Liberdade..... \$50
A Internacional (música e letra)..... \$30

Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 88

Suplemento semanal ilustrado de "A Batalha"

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa ótima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 4\$500.
Encadernação (por capas e índice), 20\$00.
Capas e índice em separado, 1\$500.
Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

Caminhos de Ferro do Estado

Serviços de Fiscalização e Estatística

Concurso para provimento de lugares de aprendizes das Oficinas da Imprensa
(Especialidade de compositor e impressor)

ANUNCIO
Faz-se público, que, nos termos dos artigos 80.º, 81.º, 90.º, 94.º, 196.º e 210.º e respectivos parágrafos da Organização anexa ao decreto n.º 8.924, de 18 de Junho de 1923, está aberto concurso pelo espaço de trinta dias, cujo prazo termina em 9 de Abril próximo-futuro, para o provimento de lugares de aprendizes das Oficinas da Imprensa, das especialidades de compositor e impressor.

Nos termos dos supra-citados artigos 80.º, 196.º e 210.º e seus parágrafos serão admitidos a este concurso os indivíduos que o requeriram e satisficam as seguintes condições:

- 1.º — Ser português;
- 2.º — Não ter menos de doze anos de idade nem mais de dezoito;
- 3.º — Ter suficiente robustez;
- 4.º — Não ter responsabilidade criminal nem ter sido condenado em pena infamante;
- 5.º — Para compositor: — Ter os três primeiros anos do curso dos liceus, ou o curso completo das escolas industriais, e exame da língua inglesa ou da língua alemã.
- 6.º — Para impressor: — Ter os exames de francês, desenho, aritmética e geometria feitos em qualquer escola oficial.

A satisfação à condição 3.ª será verificada pelo Serviço de Saúde destes Caminhos de Ferro, em data que oportunamente será anunciada.

A satisfação às restantes condições terá de ser provada por meio dos respectivos documentos (a 1.ª e 2.ª pela certidão de nascimento, teor; a 4.ª pelo certificado do registro criminal; e a 5.ª pelas respectivas certidões), devidamente autenticados.

Ainda de harmonia com o citado artigo 196.º das condições de preferência:

- 1.ª — A apresentação de melhores habilitações literárias;
- 2.ª — A apresentação de melhores habilitações práticas;
- 3.ª — Ser filho órfão de empregado dos Caminhos de Ferro do Estado;
- 4.ª — Ser filho de empregado dos Caminhos de Ferro do Estado, tendo-se aos serviços prestados pelo pai do candidato.

O concurso constará de duas provas, uma escrita e outra oral, as quais serão prestadas em conformidade com o seguinte programa:

Prova escrita
Matéria comum para ambas as especialidades

- 1.º — Ditados em português e francês;
- 2.º — Diversos tipos de letra;
- 3.º — Operações sobre números inteiros, fraccionários, decimais, complexos e incomplejos. Problemas de uso comum.

Prova oral
Matéria comum para ambas as especialidades

- 1.º — Leitura de manuscritos em vários tipos de letra;
- 2.º — Aritmética: Operações sobre números inteiros, fraccionários, decimais, complexos e incomplejos, divisibilidade, sistema métrico e regra de três simples e composta.
- 3.º — Geometria: Noções gerais.
- 4.º — Corografia de Portugal na parte continental.
- 5.º — Francês: Tradução de um trecho à escolha do júri.

Matéria distinta para cada especialidade
Compositor: Generalidades sobre tipos de imprensa e modo de compor.
Impressor: Noções gerais sobre a forma de imprimir.

Os requerimentos dos candidatos deverão dar entrada no Serviço de Fiscalização e Estatística até às dezasseis horas do último dia do prazo.

Para mais esclarecimentos poderão os interessados, dirigir-se ao referido Serviço, com sede em Lisboa, rua de São Mamede, (ao Caldas), n.º 63, em todos os dias úteis das onze às dezasseis horas.

Lisboa e Secretaria da Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, aos 10 de Março de 1926, o secretário da direcção, Jaime Rocha.

Unguento de São Lázaro

Cura todas as doenças da pele e feridas, por mais antigas e rebeldes que sejam. Caixa 2\$50.
A venda na
FARMACIA PORTUGAL
216, RUA AUGUSTA, 216 — LISBOA

FERRAGENS E FERRAMENTAS
CUTELARIAS E TALHERES
LOUÇA ESMALTADA
GUARNIÇÕES PARA MÓVEIS
REDE E PREGARIA
Telefone C. 2890
VIANA, REIS & NUNES, L. DA
Sortido completo em ferramentas para carpinteiros, marceneiros, serralleiros, etc., etc.
OLEOS, VENTONHAS, ENGENHOS DE FURAR, LIMAS, BROCAS E MANDRIS
31, L. DO CONDE BARÃO, 32 e 33 — LISBOA

ALFAIATARIA
DE
ANTÓNIO MENDES SOUSA
Fatos para homens e senhoras. — Fazendas nacionais e estrangeiras
FARDAMENTOS PARA O EXERCÍCIO E MARINHA
Todos os nossos trabalhos são executados com a máxima promptidão e esmero acabamento
PREÇOS DE CONCORRÊNCIA
Rua dos Douradores, 202, 31.ª

SALVADOR BARATA, L. DA
RUA DOS VOTIVOS N.º 19-A e 19-C
TELEFONE T. 340 LISBOA
Fabricantes dos Alvaides marca "GAIVOTA" e único depositários do
"PÓ RODRIGUES"
No Pôrto-Sociedade: Produtos Químicos, Lda — R. 31 de Janeiro, 171, 1.º
Ilhas — JOSÉ GOMES FERREIRA FUNCHAL
O melhor destruidor de PULGAS, PERCEVEJOS, BARATAS, FORMIGAS, etc.
em todas as DROGARIAS, MERCEARIAS e lojas de FERRAGENS
A VENDA

CONSELHO TECNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL
Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpeza, construção de fornos em todos os géneros, jazigos em todos os géneros, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.
Telefone — 539 Trindade
Escritório: Calçada do Combro, 38-A, 2.º

DR. ARMANDO NARCISO
Médico do Hospital de Santa Maria
CLÍNICA MÉDICA
Consultório: Travessa Nova de S. Domingos, (à Rua do Amparo)
Residência: Rua Nogueira e Sousa, 17 (ao Luciano Cordeiro)
Policlinica da Rua do Ouro
Entrada: Rua do Carmo, 93
Telefone N. 5353
Medicina: coração e pulmões — Dr. Armando Narciso — A's 5 horas.
Cirurgia: operações — Dr. Bernardo Vilas — 4 horas.
Ries, vias urinárias — Dr. Miguel Magalhães — 10 horas.
Fiebre e sífilis — Dr. Correia Figueiredo — 11 e 12 horas.
Doenças nervosas, electroterapia — Dr. R. Loff — 2 horas.
Doenças dos olhos — Dr. Mário de Matos — 2 horas.
Garganta, nariz e ouvidos — Dr. Mário Oliveira — 12 horas.
Estômago e intestinos — Dr. Mendes Belo — 3 horas.
Doenças das senhoras — Dr. Emilio Paiva — 3 horas.
Doenças das crianças — Dr. Filipe Mano — 12 horas.
Tratamento de diabetes — Dr. Ernesto Roma — 3 horas.
Ecce e dentes — Dr. Armando Lima — 10 h.
Cancro e rádio — Dr. Cabral de Melo — 4 horas.
Raio X — Dr. Alen Saldanha — 4 horas.
Análises — Dr. Gabriela Beato — 4 horas.

Pedras Metal Auer
para isqueiros, assim como rodas e motos, vendem-se no
Lata, do Conde Barão
Uma dúzia, 940; 1 cento, 3\$80; mil, 25\$00
Largo do Conde Barão, 55

QUER V. EX. SABER?
Onde se vendem camisas de cretone a 25\$00? e de popeline a 45\$00? E na Camisaria Nacional, Rossio, 93, 1.º, onde também se encontram à venda magníficas meias de seda para senhora desde 8\$00, peúgas, gravatas e mais artigos.
Vendas directas ao público
Não revende

À ÚLTIMA HORA
Acabam de chegar ao DEPÓSITO DA COVILHA
Rossio, 93, 1.º — LISBOA
GRANDES remessas das peças de ricos estambres, meados, pretos e azuis para FATOS e SOBRETUDOS e ricas casimiras de fantasia.
Boas saias, gabardines para vestidos de senhora.
Vendas directas na fábrica ao público.
Tem a custos e fazem-se por medida fatos, sobretudos e abafos para senhora com a máxima perfeição e rapidez.
Manda amostras para a provincia e ao domicílio. Tem afeite, não confundir: o Depósito da Covilha é no
Rossio, 93, 1.º — LISBOA
Telefone Norte 4663

MOTOR
Troca-se um de sistema Turull, potência efectiva H. P. 10, 500 rotações por minuto, por outro de duplo potência.
Quem pretender dirija-se a Manuel da Vila — Monchique.

— Irei à sagração do rei de França, mas ha de ser à frente de um exercito de cincoenta mil homens.
Mas, afinal, Carlos V não cumpriu a promessa.
Não veiu.
Andava elle então muito occupado com a questão dos luteranos alemães.

Na esperança de conciliar a religião católica e a Reforma, levando-a a concessões mutuas, elle tinha insistido com o Pontífice Paulo III, para que reunisse um concilio em Trento.

Mas o papa, interessando-se mais por si do que pelo catolicismo, declara que só pode dar esse concilio debaixo da condição de que Carlos V daria o governo de Parma e de Placencia a Luis Farnese, filho de Paulo III — estes vigarios de Cristo quasi todos têm filhos bastardos! — mas, como não obtivesse o que pretendia e esperava de Carlos V, o santo padre não reuniu concilio nenhum, e chamou a si, como arbitro supremo, a questão religiosa.

Esta arbitragem abortiu, e as guerras religiosas continuaram a ensanguentar uma parte da Alemanha.

Em 1548 rebentou em França uma formidável insurreição: Henrique II, exausto de recursos, tenta obrigar os habitantes de Guyana a comprar, cada um, uma certa porção de sal, cuja venda era monopolio do Estado, e cujos preços eram exorbitantes; os infelizes que se recusavam a comprar vinte vezes mais sal do que o que lhes era preciso, e a pagá-lo por cem vezes o seu valor, eram atirados para as prisões.

A iniquidade destes éditos, e as violências que se lhes seguiram exasperaram de tal forma a Guyana, o Périgord e o Poitou, que rebentou uma formidável rebelião, em que foram victimas os empregados régios, a cujo cargo estava a execução de tais ordens. A cidade de Bordeaux caiu em poder dos insurrectos, mas o condestavel de Montmorency invadiu-a à frente de um numeroso exercito, mandou enforcar ou esquarterar os que tomaram parte na revolta, e obrigou os vereadores a desenterrar o cadaver de um official real morto durante a insurreição. Em seguida, Bordeaux

perdeu as suas franquias municipaes. Emquanto nas provincias correm rios de sangue, Henrique II assiste às festas do casamento de Antonio de Bourbon com Joana de Albret — a heroica mulher que devia ser a mãe de Henrique de Bourbon.

Em 1550, morreram os dois chefes da casa de Guise: o duque Claudio e seu irmão João, cardeal de Lorena. Francisco, filho mais velho do duque Claudio, fica sendo duque de Guise, e seu irmão Carlos, até então arcebispo de Reims, reveste-se com a purpura cardinalicia. Este cardeal, o mais dissoluto, o mais orgulhoso, o mais ambicioso, intrigante e cubitoso dos prelados, logo após a morte do tio, juntou aos seus os bens do defuncto, e, possuidor de uma riqueza que lhe dava mais de quinhentas mil libras de rendimento não pagou nem uma das dividas do tio.

Todos os credores deste ficaram arruinados. Redobrou o furor das perseguições contra os Reformados. O parlamento ordenava supplicios, a pontede todos lhe chamarem a *camara ardente*, por enviar indistintamente todos os acusados para a fogueira.

Os juizes repartiam com Henrique II e com Diana de Poitiers os bens dos condemnados.

Os Guises, auxiliados pelas cortes de Espanha e de Roma, começaram por declarar-se os protectores e chefes supremos dos catholicos franceses.

O cardeal Carlos de Lorena fez-se amante de Diana de Poitiers, para por este meio a ter segura. Pelo seu lado, Francisco II, e os dois Guises, tendo por instrumentos o rei e a velha corteza, provocam e conseguem medidas cada vez mais implacaveis contra a Reforma.

Por este tempo, Del Monte, o mais corrupto dos prelados que compunham o sacro collegio, é eleito papa, sob o nome de Julio III; o seu primeiro acto, ao subir ao poder, foi dar o barrete de cardeal ao seu medianeiro habitual, que lhe tratava também os macacos que o papa criava nos seus jardins, o que fez com que se lhe chamasse o *cardeal Macaco*, alcunha que lhe ficou para sempre.

ATENÇÃO

M. S. A.
Tem resposta nesta administração.
Diga para onde enviar.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

1.º aditamento à tarifa especial interna
n.º 12 — grande velocidade

Desde a data do presente não se exige aos agentes da Fiscalização dos Impostos do Ministério das Finanças a apresentação de distintivo especial determinada na alínea i) do § único da condição 1.ª do artigo 1.º da tarifa acima indicada, para a entrada em serviço nas gares das estações.

Passa, portanto, a considerar-se a referida alínea i) assim redigida:
i) Os agentes da Fiscalização dos Impostos, quando em serviço e munidos do respectivo bilhete de identidade de que são portadores;

Lisboa, 10 de Março de 1926. — O Director Geral da Companhia, *Ferreira de Mesquita*.

DIVISÃO DE MATERIAL E TRACÇÃO

Concurso para a venda de serradura
A Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses accita até ao dia 18 do corrente propostas para a venda de serradura produzida nas suas oficinas.

As condições para este concurso estão patentes na Reparação dos Armazéns da Divisão do Material e Tracção todos os dias úteis, das 10 às 13 e das 15 às 18 horas.

Lisboa, 4 de Março de 1926.
O Director Geral da Companhia, *Ferreira de Mesquita*.

"A RÁPIDO"

Oficina mecânica de conserto de calçado
Economia, rapidez e perfeição
Recebem-se nas: R. Eugénio dos Santos, 117-118; R. Eugénio dos Santos, 36-37; R. do Amparo, 2-3; R. do Arsenal, 12-13; R. dos Fanqueiros, 32-33; R. Braamcamp, 10-B; R. da Prata, 279.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 24 desta revista intitulada *"Las dos son mis"*, de Federico Urales. — Preço, \$50. — Pedidos à administração de A Batalha.

Caminhos de Ferro do Estado

Dirrecção do Sul e Sueste
ÉDITOS DE 30 DIAS

Pela Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste correm éditos de 30 dias, nos termos da Carta de Lei de 24 de Agosto de 1848 e Decreto de 5 de Dezembro de 1910, a contar da última publicação deste anúncio no Diário do Governo, citando todas as pessoas incertas que se julguem com direito ao todo ou a parte da quantia de quinhentos, oitenta e sete escudos e cinquenta centavos (587\$50), relativa à liquidação das contas deixadas pelo assessor eventual Manuel Antonio Coelho, também conhecido por Manuel Inocência, falecido em 29 de Novembro de 1925, e a cuja quantia se habilitou sua esposa, Maria Reforço Caixinha, por si e por sua filha menor, Ludovina, como suas legítimas herdeiras.

Pela Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste correm éditos de 30 dias, nos termos da Carta de Lei de 24 de Agosto de 1848 e Decreto de 5 de Dezembro de 1910, a contar da última publicação deste anúncio no Diário do Governo, citando todas as pessoas incertas que se julguem com direito ao todo ou a parte da quantia de quinhentos, noventa e seis escudos e noventa centavos (596\$90), relativa à liquidação das contas deixadas pelo serrador eventual Jacinto Mouco, falecido em 20 de Dezembro de 1925, e a cuja quantia se habilitou sua esposa, Carolina Maluquias, como sua única e legítima herdeira.

Lisboa e Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, aos 15 de Março de 1926.
O secretário da Direcção, *Jaime Rocha*.



ITALIA SOBERANA E DIVINA!

A omnipotência de Mussolini e o futurismo de Marinetti são o símbolo e a metáfora das bárbaras ditaduras

PARIS, 10 DE MARÇO. — O futurista Marinetti destrambelhou-se do seu espírito inovador ao afirmar:

— Itália é divina! Os antigos romanos venceram todos os povos do mundo; e hoje o italiano tornou-se invencível. O último italiano vale mil estrangeiros, pelo mundo. São italianos os melhores produtos do mundo. Assim, Itália conserva o monopólio do poder creador, tem, portanto, todos os direitos. O estrangeiro, ao ingressar na Itália, deve guardar um respeito religioso.

Estamos habituados a considerar o sr. Marinetti possuidor de opiniões desequilibradas, e não deixa de ser lamentável desequilíbrio que um futurista proclame historicamente a legitimidade de formulas que o passado deveria sepultar para sempre.

Marinetti é uma manifestação dessa loucura guerreira que atrai um povo inteiro para um regime bárbaro, de agressão e de despotismo. Mussolini, que talvez sinta desprezo pelo «futurismo» de Marinetti, procura ser a voz do passado, elevando o fascismo à arrogância do império germânico, ora em ruínas, pronunciando discursos inspirados no bérlico hiperbolismo de Guilherme II.

Como os pangermanistas, Mussolini prega que todo o povo de exuberantes energias deve ser o dominador de povos mais fracos, deve estender-se «pacíficamente» por todo o mundo, levando o seu prestígio moral e intelectual para além das fronteiras. O despotismo clama que as correntes caudalosas da emigração italiana para o meio-dia da França, Tunés e Américas não devem perder a sua nacionalidade.

Um manicómio de loucos perigosos que a Europa deve isolar

A febre imperialista do fascismo aumenta de hora a hora. Mussolini é onipotente e irresponsável, cesar da nova Itália, tendo transformado o poder real em poder absoluto, tendo afogado toda a oposição. Mussolini é Deus e Marinetti quer ser o seu profeta.

Toda a psicologia nacional se excita ao delírio no seu desvairado sonho — pesadelo das nações. Actualmente, a actividade e o pensamento do fascismo se condensam na «ideia do maior império». E com isto se inquietam franceses, ingleses e alemães.

De facto, todos os augúrios são terríveis. Por ocasião de se instalar no Capitólio o alcaide de Roma, o sr. Cremonesi, as maiores pompas oficiais celebraram o feliz sucesso. Falou Mussolini, o «duce», que lá se encontrava rodeado de todo o seu governo, e demais personalidades do seu império. E falou em estilo romano, dizendo:

— Roma elevou-se hoje à culminância da nova consciência pátria sempre vitoriosa. Congratulo-me porque o povo tem vindo a dar, nestes últimos anos, admiráveis testemunhos de ordem e disciplina. Digna de viver a maior Roma que surgirá da nossa vontade inabalável, do amor, do sacrifício, da concordância e da consciência de todos os povos da Itália.

E a metáfora e o símbolo, de que Marinetti é apaixonado, são hoje a linguagem do fascismo. Toda a Europa se sobressalta com tais metáforas e símbolos que formidáveis e perigosíssimos loucos vêm soltando. Itália é um manicómio sem enfermeiros; lá dentro, os loucos andam em correrias, soltam gritos bárbaros e inumanos, chocam seus corpos motrizes que provocam scintillas de ódio e guerra. E esses loucos

que se apossaram do manicómio, surgem ao alto dos muros, cada vez mais frequentemente, berrando ameaças ao mundo inteiro.

Europa manifestou terror e dispôs-se a isolar tão perigosos loucos. Mussolini compreendeu e usou da declamação para fazer acreditar nas «boas intenções» dos desviados. E galgou a uma tribuna do jornalismo, de onde perorou:

— Ah! Não... Quando dizemos a Itália imperial não denunciamos o desejo de conquistar territórios definidos, assumimos unicamente uma atitude intelectual, uma conduta viril e combativa, se necessária for, sem que a Itália deixe de estudar os grandes problemas internacionais.

É esta atitude intelectual e viril que o futurista-marcha-atrás, Marinetti, proclama como a divindade da Itália. Marinetti sabe certamente que as atitudes intelectuais e viris que molestam o fascismo são duramente flageladas. A Europa, porém, permanece inerte. Para quê, esta atitude intelectual que reforça exércitos, persegue adversários pacíficos ou aguerriados, ameaça nações, oprime povos, suprime a liberdade de pensar e ameaça a vida dos que não emigram?

A grandes calamidades pode levar as nações essa fúria perigosa do imperialismo fascista. Se o fascismo se não detém na sua esteira de domínio sobre povos, não tardará que uma horrível guerra se deflagre: é fatal. Torna-se necessário que a Europa não perca de vista esta fase imperialista do fascismo, que quer impor o seu dogma brutal, mais do que a todos os povos — a todas as consciências!

O fascismo assolando os povos para divinização da Itália

Os «objectivos de guerra» da Itália começaram a ser definidos na convenção assinada em Londres em 16 de Abril de 1915.

Nessa ocasião, a Itália pretendia que desaparecesse a monarquia austro-húngara, mas opunha-se à formação do reino de servos, croatas e eslovenos, a Iugoslávia. Apesar disso, a nação iugoslava formou-se e a Itália clamou contra o perigo desta fusão de povos numa grande potência. Até que em 1924 se regulou a belicosa questão de Fiume, sendo feito no mesmo ano um tratado de paz e amizade entre a Itália e a Iugoslávia.

O fascismo agora, tem largas ambições de hegemonia na Europa Central e no Mediterrâneo.

A Inglaterra não se incomoda com a política italiana no Mediterrâneo; e associa-se. A Itália só tem costas estratégicas e a grande nação inglesa só tem formidáveis esquadras. Assim vê o fascismo assegurado o seu predomínio no Mediterrâneo.

Começa aqui a sua política de hegemonia na Europa central. Para isso trata de anular a política francesa de predomínio europeu nos Balkans. Mussolini compreendeu-o e montou uma rede diplomática de intrigas nos Balkans, na Roménia, na Grécia e na Iugoslávia. Fazendo diminuir a influência francesa, a Itália facilmente subtrairá para o seu domínio essa *Petit-Entente* que hoje é serva obediente da França.

Essa *Petit-Entente* continuará sendo um foco de efervescência guerreira na Europa. Emfim, Mussolini prepara o ferro e ataca o fogo. A calamidade enlutará outra vez todos os povos europeus, mas... lá diz o Marinetti: Itália é divina!

Piccolo ROMANO

O jovem sindicalista na vida social

Tese a apresentar ao II Congresso Nacional das Juventudes Sindicalistas por Emidio Santana

O movimento juvenil e as suas características

Definida a personalidade das Juventudes Sindicalistas devem também ser definidas as suas características.

Vários são os caracteres que a notabilizam pelo seu aspecto moral, mental e revolucionário. Eis a sua ordem:

Caracteres morais: A Juventude Sindicalista como ambiente de educação e preparação revolucionária não cria para si uma moral própria à imagem das enfermidades sociais humanas, que vão ruindo ao péso das suas ignominias. Correria um grave perigo se assim o fizesse, pois essa moral tornada dogma, se cristalizaria, tornando-a inflexível na obrigação sobre os indivíduos que compõem as Juventudes Sindicalistas.

Desejamos o desaparecimento de todas as obrigações e sanções morais, porque sendo a moral as regras e formas que tornam os indivíduos que pela sua condição social inferior sujeitos a todas as obrigações e das classes consideradas elevadas na escala social, ao abrigo de todas as chamadas imoralidades. Decerto que a burguesia nunca pratica imoralidades! Porque?

Porque sendo a moral as regras próprias do seu modo de existência nas suas formas jurídicas e morais, eis estão sempre dentro da lógica e da moral, e que outra coisa não sucedesse.

Pretendemos uma moral elevada que não seja de elaboração individual, mas sim as próprias leis da Natureza que nos dirijam. Se vivemos nos cosmos com eles devemos viver e acompanhar, toda a sua evolução.

Pretendendo essa moral, não responsabilizamos os indivíduos dos seus actos morais. Porque?

O meio social em que vivemos torna os indivíduos incapazes dum raciocínio puro e equilibrado. A educação elevada de preconceitos e dogmas como a moral burguesa, oblitera todas as funções psicológicas dos seres humanos arrastando-os à prática dos actos mais repulentes e impróprios para a nossa mentalidade.

A situação económica dos trabalhadores, — causa de toda a desordem social — pre-

caría como é, arrasta-os ao egoísmo mesquinho e individualista, esquecendo-se de todos os deveres que tem a cumprir. Os indivíduos tornam-se irresponsáveis de todos os seus actos, porque só o resultado dum decadência moral, atestado flutuante da putrefacção da sociedade burguesa, e das taras que herdou dum educação falida e corrupta.

Se o indivíduo é irresponsável dos seus actos, poder-se-há exigir-lhe responsabilidades dos mesmos actos?

Se não reconhecemos a sociedade a capacidade jurídica e moral para julgar os delinquentes, como fruto que são da organização económica, muito menos poderemos responsabilizar a colectividade dos actos individuais dos seus componentes.

Porém ao pretendermos uma nova moral sem dogmas e isenta de convencionalismos, queremos dar livre curso às iniciativas e acções individuais.

Todos os jovens sindicalistas procurando elevar-se, são susceptíveis de praticar actos que jamais poderão ser imputados à organização juvenil.

Caracteres mentais — Lisongeiro é para nós que o professor Manuel da Silva, representante da Associação dos Professores de Portugal na 1.ª Conferência das Juventudes Sindicalistas de Lisboa, afirmou que veio à Juventudes Sindicalista encontrar verdadeiros intelectuais. Prova isto o valor e a proficiência do papel das Juventudes Sindicalistas na vida social.

Se a Juventude ainda não levou de princípio a fim uma obra educativa, não é porque haja falta de espírito de continuidade, mas porque os rigores das perseguições as derrubam.

A elevação mental da mocidade é a nossa preocupação, e quanto maior for o nosso resultado, tanto mais afirmação de mentalidade terá a Juventude Sindicalista.

A criação dum forte mentalidade na mocidade é a base dessa grande revolução que se aproxima, e porque não é só o momento violento que nos interessa, mas também o período post-revolucionário em que todo o nosso saber tem que ser empregado na organização da gestão do património social.

Não se faz uma transformação económica — note-se não é uma revolução meramen-

CONFERÊNCIAS

“Os Pobres”

O dr. sr. Câmara Reis realizou no domingo, na Associação dos Empregados de Escritório, a sua anunciada Conferência sobre «Os Pobres», de Raúl Brandão.

O conferente, depois dum rápida descrição de toda a obra deste grande escritor, salienta o seu cunho inconfundível, a originalidade da sua obra que não encontra similar na literatura portuguesa. Há na obra de Raúl Brandão, diz o conferente, um sentido alucinado e um tom sombrio e melancólico que, mesmo na descrição dum paisagem de sol e de cor, transparece. Já se tem comparado, por vezes, a obra literária de Raúl Brandão a obra pictural de Columbano e, para o orador, esta comparação é acertada, porque, nos dois artistas, a pesar das actividades diferentes, a mesma tonalidade sombria irmana as suas obras.

Refere-se, em seguida, à indiferença com que «Os Pobres» foram recebidos a pesar do prefácio de Guerra Junqueiro, só depois de traduzidos e apreciados lá fora, logram algum êxito entre nós. E, no entanto, esta obra admirável era a expressão superior da dor humana, a descrição sentida dos humildes, dos deserdados, dos pobres. Cada figura do livro é um símbolo: o Gebro, o «Gabitru», o «Dato pingado», «Luís»... O conferente lê e comenta alguns trechos dos capítulos que se referem a estas figuras e, a propósito desta leitura, faz interessantes considerações para pôr em relevo que em Raúl Brandão se casam superiormente o realismo e o idealismo. A este respeito estabelece confronto entre a sua obra e as de Zola e de Victor Hugo. O realismo do primeiro era por vezes bastante cru, buscando descrições de assuntos desagradáveis; Victor Hugo exagerava geralmente as figuras, «exagerava-as na bondade ou na maldade».

Na literatura russa que se encontram algumas afinidades com a obra de Raúl Brandão.

Citando, depois, Camilo e Eça para pôr em relevo que, ao invés deles, Raúl Brandão, é um autor que escreve com grande simplicidade — não há na sua obra um vocabulário de que seja difícil a significação — o dr. Câmara Reis fez ainda outros comentários interessantes e termina por ler o capítulo «Natal dos Pobres» um dos mais formosos do livro, sendo no final muito aplaudido.

Sindicato dos Chauffeurs

Realiza na próxima quinta-feira, pelas 21 horas, na sede da Associação dos Chauffeurs, o sr. Augusto Ferreira Simões uma conferência cujo tema é a descrição dos seus 41 inventos e suas aplicações.

«A dificuldade de ser professor em Portugal»

Comunica-nos o Núcleo dos Professores Primários de Lisboa que a conferência que o dr. sr. João Correia devia realizar hoje na Sociedade de Geografia, sob o tema «A dificuldade de ser professor em Portugal», fica transferida para sexta-feira, em virtude da realização da homenagem aos aviaadores que hoje ali tem lugar.

«Questões morais e sociais na literatura»

O sr. dr. Câmara Reis realiza hoje, pelas 21 horas, na secção da Universidade Popular Portuguesa instalada na delegação dos Sindicatos Metalúrgico e da Construção Civil do Alto do Pina, rua Barão de Sabrosa, 91, 1.ª, uma conferência sob o tema «Questões morais e sociais na literatura».

Em seguida haverá sessão cinematográfica educativa.

SOLIDARIEDADE

João Augusto Amaro Júnior e Paulo Soares, ambos do Sindicato dos Descarregadores de Mar e Terra, pedem-nos para declarar nada terem recebido de quotas que porventura tenham sido abertas com o fim de os auxiliar.

Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil

Este organismo de combinação com o Conselho de Secções e comissão administrativa do S. U. da Construção Civil resolveram que ainda hoje se procedesse à chamada de operários inscritos sem trabalho para a confecção dum nova inscrição, ficando sem efeito a primitiva.

Secção Telegráfica Federações

ALBERTO SILVA. — Pedimos a tua comparação, amanhã, pelas 21 horas, na sede da Federação.

AOS NÚCLEOS. — A Federação pede a todos os Núcleos que antes do Congresso enviem as suas inscrições de sócios.

NÚCLEO DO PORTO. — Mandem teses com urgência, que a sua falta está a protelar os trabalhos.

CALÇADO, COURO E PELES

Beja. — Sapateiros Bejenses. — Segue expediente.

Porto. — Sindicato Unico Calçado Couros e Peles. — O expediente vai por mão própria; é conveniente convocar a comissão administrativa para sexta-feira.

METALURGICA

S. U. Metalúrgico de Almada. — Zarcarias. — Procura o Sindicato.

te política, porque estas não engendram uma transformação económica, mas sim as transformações económicas engendram a renovação de ordem política — sem haver uma mentalidade formada que a possa assimilar. Eis porque as Juventudes Sindicalistas preparando a mocidade preparam o futuro. Um grande trabalho de elevação mental lhe está inerente.

Portanto as Juventudes Sindicalistas procedem a uma obra de preparação mental como fundamento dum vasta transformação económica e social que se opera e precipita. Essa preparação molda-se nos modernos princípios de pedagogia ao livre raciocínio.

(Continua)

A Companhia das Aguas está envenenando a população!

Estou sofrendo uma dessas crises de raiva apoplética, dessa raiva reduplicada pela impotência de reagir, de exercer um acto de violência dos que nos aliviam.

São ocasiões em que só o mouro, a bofetada, o tiro talvez, seriam de algum proveito eficaz para os nossos nervos.

Mas no caso presente dá-se de frente com uma Companhia-Sociedade Anónima, Sociedade imponderável, Sociedade abstracção. Ora, uma ponderação não tem cara e uma pessoa tem de engulir em seco o bofetão aliviar e afogá-lo na bílis estravazada.

É verdade que a gente encontra um homem que escreve — e às vezes fala — em nome da Sociedade Anónima, o director, mas ele, todo pimpão sempre, não aparece à mão de semear e impersonaliza-se por detrás de uma Lei, que é um Regulamento.

Nem sequer se pode esperar-lo e rasgar-lhe a cara. Viria a polícia e seríamos presos. Agredir esse pobre homem, já idoso, com dois automóveis às ordens à custa da Sociedade Anónima seria afrontar a Lei, o Regulamento, uma injustiça. Se o pobre não só ganha cinco mil escudos por mês!

De sorte que a gente fecha os punhos em fremitos convulsivos e atrás dele, atrás do sr. director só vê o impersonalismo da Companhia, intangível e invulnerável.

— É uma inépcia, uma imbecilidade, um crime — grita a gente.

— ... uma infâmia, um crime que dizima uma população, grita toda a gente. E acrescenta:

Mas que fazer? Não há um ministro que meta na cadeia o director-delegado da tal Companhia.

E, no entanto, o caso é simples. A Companhia das Aguas de Lisboa está envenenando a população, por não conseguir matá-la à sede.

A água agora vem cheia de cloreto, ou lá o que é, e eu, há dias, por que bebi um copo dela, fui parar a uma farmácia, para me lavarem o estomago. E ouvi dizer que o mesmo está acontecendo a quem bebe água da Companhia!

O governo em vez de punir os culpados, em vez de meter na cadeia o «soba» das águas, faz-lhe mezuças e acompanha-o em visitas para ver o que «ele» lhe quiere mostrar.

É a maior palhaçada dos últimos tempos.

Perdão! Será a maior?

Em se tratando de palhaçadas oficiais, da retórica hermeneutica do Estado, a gente nunca pode dizer que a palhaçada actual é maior do que a palhaçada que há de vir.

Que pena tenho não poder fazer com que o «soba» das águas beba a bílis e o mais que tenho expellido nestas últimas horas, em consequência da água que bebi e ele me fornece, dizendo que a pago barata. — R. B.

Bilhete postal

Do cidadão dr. Pestana Júnior, director das cadeias civis de Lisboa:

Ex.º Sr. — Há nesta cadeia, aonde raríssimas vezes V. Ex.º vem, aproximadamente 500 homens que sofrem moral e fisicamente toda a sorte de misérias. Famintos de justiça almejam a vossa vinda aqui, porém, V. Ex.º parece que adivinhando o ardente desejo destes desgraçados, propositalmente retarda as vossas visitas fazendo-os esperar, com certeza, para aumentar-lhes o desejo a-fim-de maior ser o seu desapatamento quando V. Ex.º como hoje lhes faz partida. O acto que V. Ex.º hoje praticou é desumano e merece a repulsa de todo o homem de coração.

Permitiu-se V. Ex.º a vir aqui ao Forte de Monsanto ver os fornos de cal do Carretel de Vm. Ex.º é sócio (?) e não se dignou entrar na cadeia para colher as reclamações dos desgraçados presos.

Ah! sr. esquivista! Na tribuna fazem-se afirmações que era bom cumprir...

Calcula V. Ex.º o desespero que deixou na alma destes infelizes, que o esperavam na doce ilusão de que V. Ex.º lhes minoraria um pouco o seu sofrimento atendendo às suas pequenas e justas reclamações, retirando-se sem os ouvir?

Se calcula é demasiadamente cruel procedendo assim.

Nas linhas deste postal lava o seu mais veemente protesto o vosso leal adversário. Forte de Monsanto, Sector C, 13-3-926. — José Augusto Amaro Júnior.

INSTRUÇÃO

Curso Popular de Língua e Literatura Portuguesa

O professor sr. Santos Ferro, efectua hoje, pelas 21 horas, a 2.ª lição deste curso. A entrada é pública, é a inscrição que continua aberta, é gratuita.

Congresso Internacional do Direito Penal

Segundo comunicação da legação da Bélgica ao ministério dos Negócios Estrangeiros: foi adiada para 26 de Julho próximo a abertura do Congresso Internacional do Direito Penal que devia reunir em Bruxelas no próximo mês de Abril. O sr. conde de Lichtevelde informou ainda que o secretário geral do Congresso fez notar o propósito da União Belga, que se ocupa daquele ramo de direito, de conseguir a adesão das personalidades, dos diversos países, que se ocupam do direito penal.

CRISE DE TRABALHO

Operários licenciados das obras do Estado e associados sem trabalho

Na reunião que se efectuou ontem as comissões deram conta dos seus trabalhos, sendo admitidos mais operários licenciados nas obras dos edifícios públicos. As comissões continuaram ontem nas suas demarches.

Por não haver mais trabalhos a tratar suspendeu-se a sessão às 12 horas para continuar hoje às 10.

PRÓ-FERROVIÁRIOS DE LOURENÇO MARQUES

Para resolver sobre o apoio a prestar aos camaradas ferroviários de Lourenço Marques e protestar contra as prepotências do Alto Comissário de Moçambique Azevedo Coutinho, a Câmara Sindical do Trabalho convida o proletariado de Lisboa a assistir à sessão de protesto que amanhã, pelas 21 horas, se efectua na sede da Câmara.

No teatro Joaquim de Almeida realiza-se hoje uma simpática festa

Em favor do cofre da Associação de Classe dos Contramestres, Marinheiros e Moços da Marinha Mercante Portuguesa, realiza-se hoje, no Teatro Joaquim de Almeida, um grandioso espectáculo, com o concurso dos alunos da Escola de Arte de Representar Araújo Pereira.

O espectáculo, que principia às 21 horas, tem o seguinte programa:

«Novo Altar», peça num acto, em verso original português de Bento Mantua. Distribuição: Mariquitas, Maria Manuela; Tezeta, Maria Silva; João, Luís de Campos; Tomás, Alvaro Anahory.

«Quem matou?», original português em 3 actos de João Carlos Chaby. Distribuição: Irene, Manuela Porto; Maria, Maria Silva; Ovídio, Carlos Silva; Besson, Cesar Viana; Jorge, Luís de Campos; Jdilo, Artur Fernandes; Juiz, Alberto Anahory; Agente policial, António Vitorino.

«Um Serão Familiar», comédia original portuguesa, num acto, do dr. Adolfo Lima. Distribuição: Joaquim, Luís Baptista; Leonarda, Maria Manuela; Laura, Líbia de Almeida; Leonor, Manuela Porto; Mariana, Elisa Lopes.

«Novo Altar», peça num acto, em verso original português de Bento Mantua. Distribuição: Mariquitas, Maria Manuela; Tezeta, Maria Silva; João, Luís de Campos; Tomás, Alvaro Anahory.

«Quem matou?», original português em 3 actos de João Carlos Chaby. Distribuição: Irene, Manuela Porto; Maria, Maria Silva; Ovídio, Carlos Silva; Besson, Cesar Viana; Jorge, Luís de Campos; Jdilo, Artur Fernandes; Juiz, Alberto Anahory; Agente policial, António Vitorino.

«Um Serão Familiar», comédia original portuguesa, num acto, do dr. Adolfo Lima. Distribuição: Joaquim, Luís Baptista; Leonarda, Maria Manuela; Laura, Líbia de Almeida; Leonor, Manuela Porto; Mariana, Elisa Lopes.

«Novo Altar», peça num acto, em verso original português de Bento Mantua. Distribuição: Mariquitas, Maria Manuela; Tezeta, Maria Silva; João, Luís de Campos; Tomás, Alvaro Anahory.

«Quem matou?», original português em 3 actos de João Carlos Chaby. Distribuição: Irene, Manuela Porto; Maria, Maria Silva; Ovídio, Carlos Silva; Besson, Cesar Viana; Jorge, Luís de Campos; Jdilo, Artur Fernandes; Juiz, Alberto Anahory; Agente policial, António Vitorino.

«Um Serão Familiar», comédia original portuguesa, num acto, do dr. Adolfo Lima. Distribuição: Joaquim, Luís Baptista; Leonarda, Maria Manuela; Laura, Líbia de Almeida; Leonor, Manuela Porto; Mariana, Elisa Lopes.

A Sociedade das Nações em ebulição

GENEVA, 16. — Os trabalhos da assembleia geral da Sociedade das Nações foram adiados para amanhã.

Depois da reunião de ontem do conselho executivo, tem prevalecido um espírito mais optimista, quanto à solução do problema dos lugares permanentes do conselho.

O ministro alemão dos negócios estrangeiros, Stresemann, declarou aos jornalistas que o delegado sueco telegrafou ao seu governo pedindo autorização para renunciar ao seu lugar de membro — não permanente do conselho, a favor da Polónia, o que vem resolver em parte o problema, autorização que lhe foi concedida.

O delegado alemão declarou ainda não ser possível impedir por completo a entrada da Polónia, país com 30 milhões de habitantes, restando, porém, o alarmante «veto» do Brasil, que continua a opor-se à eleição do Reich, se não lhe for simultaneamente atribuído um lugar de membro permanente.

Segundo se afirma, o delegado brasileiro solicitou novas instruções do governo do seu país, tendo os restantes membros do conselho enviado também um apelo ao gabinete do Rio de Janeiro.

Relativamente a Espanha, afirma-se semi-oficialmente que o seu governo considera já o presente momento como inoportuno para reclamar um lugar de membro permanente do conselho.

Corre ainda o boato de que a Tchecoslováquia se propõe seguir o exemplo da Suécia, oferecendo o seu lugar no conselho a favor da Polónia.

ESPERANTO

Nova Vojo — (Sociedade Esperantista Operária). — Reúne hoje o Curso Prático e a Comissão Administrativa.

Federação Ferroviária

A Comissão Executiva deste organismo tem continuado nas suas demarches junto das entidades governativas sobre a greve dos ferroviários de Lourenço Marques e situação dos deportados que se encontram na Metrópole. Estes já se encontram colocados, transitariamente, em vários estabelecimentos do Estado, mas alguns com vencimentos diminuíssimos, pelo que a referida comissão tem insistido pela sua modificação.

O referido organismo vai intensificar ainda mais a sua acção junto das citadas entidades a fim de terminar o mais rápido possível, e fazendo-se justiça aos ferroviários, o grave conflito que lava em Lourenço Marques e as violências que têm sido cometidas sobre os ferroviários, constando que novas deportações foram feitas para Moçambique.

O sr. Albert Thomas desagrada aos ferroviários ingleses

Reúniram-se ultimamente em Londres os delegados ferroviários aderentes à Federação. Depois de discutirem a premeditada baixa de salários, aprovaram por unanimidade uma moção advogando as medidas consideradas necessárias para uma enérgica resistência à ofensiva patronal.

A acção dispendida pelo socialista burguês Albert Thomas foi violentamente censurada pelos ferroviários, aprovando-se uma moção repudiando o voto que o famoso delegado em Londres deu às propostas das empresas sobre uma redução de salários.

Os delegados dos operários dos armazéns exigiram ainda a demissão de Albert Thomas.

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

Vida Sindical

C. S. T.

Reúniu ontem a comissão instaladora tendo apreciado um officio do Sindicato dos Descarregadores de Mar e Terra de Almada nomeando como delegado a este organismo o seu secretário geral. Recebeu uma circular da Liga dos Amigos dos Hospitais sendo resolvido officiar em harmonia com a orientação da Câmara Sindical.

Na ordem de trabalhos foi apreciada a situação irregular de alguns dos organismos aderentes, deliberando-se enviar os necessários esforços para que algumas anomalias cessem para assim melhor poder caminhar a organização local.

Resolveu ainda levar a efeito na próxima quinta-feira a já anunciada sessão de protesto contra as prepotências em África de alto comissário Azevedo Coutinho.

COMUNICAÇÕES

Chapeleiros. — Tomam hoje posse, pelas 21 horas, os corpos gerentes nomeados na última assembleia geral:

Comissão Administrativa: Narciso de Oliveira, Armando Sanchez, Custódio Vieitas, Belmiro P. da Silva e Artur Fernandes. Mesa da Assembleia Geral: Carlos Cruz e Augusto Cardoso; secretários. Delegados à C. G. T.: Armando Sanchez e José Barata

CONVOCAÇÕES